

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sóbe a característica)

ROBERTO: - O REVERSO DA MEDALHA!... (Sóbe novamente a característica)

SPEAKER: - Uma história de crime e de mistério, onde a ambição predomina, avassalando cérebros e comandando gestos.

O REVERSO DA MEDALHA é mais um trabalho de Roberto Lis, escrito especialmente para o Grande Teatro Difusora, sob o patrocínio exclusivo dos Chuveiros Elétricos Amarel.

(Entra aqui a propaganda dos Chuveiros Elétricos Amarel)

O REVERSO DA MEDALHA tem a seguinte distribuição:

Dona Mimosa.....	Nina Rosa
Maria Augusta.....	Edna Castro
Afonso.....	Clavo Engel
Maria Clara.....	Lília Maria
Marcelo.....	Roberto Lis
Saléte.....	Alice Aveiro
Ambrósio.....	Cláudio Real
O 147.....	Dinarte Armando

Encarregado do Estúdio.....	Emílio Belo
Sonofonia de.....	Tiágo Laranjeira

(Sóbe a característica, baixando depois, aos poucos, até desaparecer)

- Clara - Aqui estão os seus brincos, Mamãe. A senhora nem imagina o sucesso que fizeram ontem na festa!
- Mimosa - Eles são muito bonitos, realmente. Foi um presente de seu pai no quinto ano do nosso casamento.
- Afonso - Meu sogro gostava muito de dar-lhe joias, não dona Mimosa? A senhora tem uma quantidade tão grande delas!
- Mimosa - É verdade. Em todos os aniversários de casamento ele me dava duas, três, e às vezes até mais.
- Augusta - Esses brincos são os mais bonitos que papai lhe deu.
- Mimosa - Eu já os quis dar à Clara mas ela não quis aceitar.
- Clara - Não quero por uma razão, mamãe: tanto eu como a Augusta gostamos muito deles eu não acho justo que fiquem comigo.
- Mimosa - Quando eu morrer terço que ficar com uma das duas.
- Afonso - Bem, isso será quando a senhora morrer, mas graças a Deus a senhora está bem forte e enquanto puder também sou de opinião que não se desfaça deles.
- Mimosa - Depois que a gente chega a uma certa idade, meu filho, a gente não liga mais estas coisas. Seria até uma tolice. A gente não leva as joias para a sepultura.
- Augusta - Isto é conforme, mamãe. Quantas criaturas têm se enterrado com joias bem valiosas, até.

- Mimosa - Para que? Para arriscarem-se a que depois os saturos vão lá lhe partur bar o sono eterno? Deus me livre!... Deixa as joias que ficam aí. A única coisa que eu desejo levar comigo - vocês já ficam sabendo - é esta medalha que uso sempre ao pescoço.
- Clara - É verdade, mãe, eu já notei que a senhora nunca se separa dessa medalha. Qual a razão da sua preferência?
- Afonso - Naturalmente foi o primeiro presente de meu sogro.
- Mimosa - Não, meu filho, não foi. Esta medalha nem me foi dada por ele. É simples mente porque foi a primeira jóia que eu tive e quando a coloquei ao pescoço jurei a mim mesma que não a tiraria mais. Ganhei depois outras de muito mais valor mas fiz questão de manter o juramento.
- Augusta - Eu se fosse o papai não teria consentido nesse seu capricho.
- Mimosa - Ora essa, minha filha, porque?
- Augusta - Porque naturalmente esse seu juramento estava ligado a um caso de amor anterior ao de papai.
- Mimosa - ~~Mãe~~ É verdade, sim, não pretendo negar. Mas ele soube <sup>compreender</sup> isto perfeitamente. Esta medalha representava, para mim, a satisfação do meu primeiro desejo de moça pobre. Ela estava ligada ao meu desejo de possuir uma jóia e não à pessoa que me havia dado.
- Afonso - Mas minha sogra, a senhora sabe que enterrando-se com essa medalha a senhora se arrisca a ser perturbada no seu sono eterno? Veja que é um coração todo de ouro e com um bom brilhante no centro.
- Mimosa - Ela não precisa estar exposta. Não há necessidade de ninguém saber que ela está comigo. Eu já pedi às minhas filhas que me vistam com um manto de veludo preto...
- Clara - Ora, mãe, francamente... Que assunto mais tólo. Que bobagem!
- Mimosa - Que tolice, minha filha! Então você acha bobagem a gente falar naquilo que tem de mais certo?
- Afonso - Clara tem razão. Para que falar em morte numa casa onde há tanta vida, tanta harmonia e tanta felicidade?
- Mimosa - Graças a Deus, meu filho! É verdade. Tudo isto existe na nossa casa.
- Afonso - E a senhora está muito moça ainda para pensar em morrer. Quem nos dirá que não se case ainda pela segunda vez?
- Mimosa - Depois de vinte anos, quâsi, de viuvez? Nada disto. Se eu tivesse que fazer alguma loucura não seria agora, depois de ter os cabelos todos brancos. E depois eu fui muito feliz com o meu primeiro marido para poder pensar em encontrar-lhe um substituto. Tenho o afeto das minhas filhas e do meu genro e isto me basta.

(CORTINA MUSICAL)

(Doze badaladas espaçadas numa torre proxima) (Passos abafados)

- Mimosa - (meia voz) Minha filha! É você que está levantada? (Pausa. Passos que se afastam, rápidos) Minha filha!
- Clara - (de longe) Mãe, a senhora chamou?
- Mimosa - É você que anda caminhando?
- Clara - Não, mãe, eu estava dormindo, acordel-me com a sua voz.

- Mimosa - Ha gente dentro de casa, então. Chame o Afonso depressa.
- Clara - (de longe, gritando) Afonso, depressa, Afonso. Ha ladrão em casa. (Ruido de cair alguma coisa á distancia, fazendo enorme barulho).
- Mimosa - Ouviste, Clara? Foi a bandeija do aparador da sala de jantar. É lá que ele deve estar. (Passos que se aproximam)
- Clara - Foi na sala de jantar, sim. Também me pareceu. (gritando muito) Afonso! Socorro, Afonso. Depressa, ha ladrão em casa.
- Mimosa - Passa a chave na porta do quarto, minha filha. Ele pôde entrar. (Passos precipitados que se aproximam)
- Clara - Não ha necessidade, mamãe. Parece que Afonso já vem aí. Ele deve ter ouvido os meus gritos.
- Afonso - (aproximando-se, falando de longe, afobado) Clara! Dona Mimosa! Ovi gritarem por mim. O que houve?
- Clara - Deve ter alguém dentro de casa, Afonso. Mamãe diz que ouviu...
- Mimosa - Ovi os passos perfeitamente. Cheguei a pensar que fôsse Clara.
- Afonso - Vou passar uma revista na casa. Não precisam ter medo. Passem a chave na porta e esperem que eu voltarei.
- Mimosa - É Augusta, meu filho?
- Afonso - Augusta dorme profundamente. Nem os gritos de Clara conseguiram acordá-la. É melhor assim. Se acordar ficará nervosa e não dormirá depois o resto da noite. Passem a chave na porta. Eu vou revistar a casa. (Passos que se afastam. Ruido de fechar porta e passar chave).
- Mimosa - Foi Deus que me fez despertar no momento exato em que ele se aproximava da minha cama.
- Clara - Não teria sido um pesadelo seu, Mamãe?
- Mimosa - Óra pesadelo, pesadelo nenhum. Eu vi perfeitamente o vulto se aproximar da porta que dá para o teu quarto, escutar alguns momentos e depois se aproximar lentamente da minha cama. Era gente. Tenho absoluta certeza. E depois o ruido na sala de jantar que tu mesma ouviste.
- Clara - Sim, realmente. O ruido eu ovi também. Fiz-me de forte para não lhe assustar mas fiquei num tal estado de nervos que as minhas pernas tremiam que eu tinha dificuldade de movimentá-las. Até agora estou completamente gelada. Veja as minhas mãos.
- Mimosa - Que horror, minha filha. Nem eu que vi o vulto e ovi os passos.
- Clara - Eu sempre tive verdadeiro horror a ladrões, a senhora sabe. É Augusta parece que ainda é pior do que eu. Si fôsse ela, ela não poderia nem ter gritado.
- Mimosa - Eu estou preocupada dela ter ficado só no quarto. Vamos que o malfeitor entenda de entra lá justamente no momento em que Afonso não esteja?
- Clara - Não acredito muito, mamãe. Si ele já se viu presentido a esta hora deve andar muito longe.
- Mimosa - O que quereria ele comigo? Sim, porque era para mim que ele se dirigia, passe a passo.
- Clara - Quem sabe ele pensava procurar alguma coisa na sua cama... pôde ser daquelas que ainda acredita que nos tempos de hoje as velhas ricas escondam no colchão o seu dinheiro.
- Mimosa - Cruze! Se ele chegasse a me tocar eu nem sei o que faria.

Clara - O mesmo que a senhora fez: botar a boca no mundo. Quem não tem outra arma usa a garganta. É verdade que muitas vezes o susto... (Batidas na porta)  
É o Afonso?

Afonso - (de longe) Sim, sou eu. Podem abrir. (Passos que se afastam. Ruído de chave e porta que se abre) Revistamos tudo, dona Mimososa. Lá em baixo os empregados fizeram uma busca geral e eu aqui em cima olhei peça por peça e não achei nada. Creio que foi um susto da senhora.

Mimososa - Sustos nada, meu filho. Eu tenho certeza absoluta. Si eu vi até o vulto.

Clara - e depois ouvimos barulho na sala de jantar, Afonso. ele derrubou lá qualquer coisa.

Afonso - ele não derrubou nada, Clara. Quem derrubou fui eu. Quando ouvi os teus gritos saí meio tonto de dentro do quarto, ao passar na sala de jantar derrubei o tete a tete. Deve ter sido impressão de dona Mimososa. Não ha ninguém dentro de casa e não havia uma porta ou janela aberta...

Clara - É mhezinna, então foi. A senhora sonhou.

Mimososa - Meu Deus! será possível que eu esteja ficando caduca?

Afonso - Nada disto. É a coisa mais natural a gente acordar sobresaltado e ter uma impressão forte de uma coisa que não é.

Mimososa - Terá sido isto, então. Desculpa, meu filho, se te dei um susto tão grande e um incomodo ainda maior.

Afonso - Óra, minha sogra, nada disto. A senhora bem sabe que tenho sempre grande prazer em lhe ser útil. Voltem para a cama que eu deixarei a porta do meu quarto aberta. Qualquer receio que tenham não sintam constrangimento em me chamar.

Clara - eu ficarei aqui com a senhora, mhezinha. Será melhor para nós duas.

Mimososa - Está bem, minha filha. Vai dormir, meu filho. Muito obrigada e até amanhã.

Afonso - Até amanhã. Passem bem o resto da noite. (passos. Distante) Qualquer coisa é só chamar. (Mais passos).

Mimososa - Não, minha filha, eu não me convenço. Afonso disse isto para não me assustar mas eu tenho certeza absoluta de que havia gente no meu quarto.

Clara - Bem, mhezinna, não pensemos mais nisto. Vamos procurar dormir que é muito tarde.

(CORTINA MUSICAL)

Mimososa - Você queria falar comigo, meu filho?

Afonso - Sim, minha sogra. se a senhora dispõe de alguns momentos para ouvir-me...

Mimososa - Óra está... Você bem sabe que tenho sempre prazer em ~~ouvir-me~~ ouvi-lo.

Afonso - procurarei ser breve e claro no que vou dizer. Trata-se de Clara.

Mimososa - Clara? O que na com ela, meu filho?

Afonso - Arranjou um novo namorado que absolutamente não lhe serve. A senhora terá que tomar imediatas providencias para acabar com o namoro.

Mimososa - e porque não lhe serve o rapaz? Quem é ele, vamos a saber?

Afonso - Principis que não se pôde saber ao certo nem quem ele é nem o que faz. Além disto só procura para namorar moças ricas e que já tenham perdí do ou o pai ou a mãe, entrando já na posse de uma parte da fortuna. Alvo informações absolutamente certas de que é um mordedor e um caçador de dotes.

Mimosa - Cortada da Clara, ela não tem sorte, você reparou? É o terceiro que se apresenta nessas condições.

Afonso - Felizmente estou eu aqui para defendê-la e evitar que ela caia nas garras de um desses tigres aventureiros que andam por aí.

Mimosa - É verdade, sim, Afonso. Se não fôsse você... Nem sei como agradecer-lhe...

Afonso - Não faço mais do que o meu dever. Sou o homem da casa... Vou pedir-lhe em tretanto uma coisa:

Mimosa - Já sei, você não quer que eu diga a ela que foi você quem me trouxe as in formações.

Afonso - É claro. Ela ~~poderá~~ pensar até que tenho qualquer motivo para não desejar o seu casamento.

Mimosa - Esteja descansado. Eu terei o cuidado de não comprometê-lo.

(CORTINA MUSICAL)

(batem duas caudais espaçadas. Passos abafados. Ruído de chave da luz)

Mimosa - Você, meu filho? Que susto eu levei!

Afonso - Minha sogra, ... eu peço que me desculpe... devo-lhe uma explicação da minha atitude... eu não queria assustá-la e justamente dei-lhe um susto ainda maior e afinal fiquei numa situação muito pouco cômoda... eu não deveria entrar no seu quarto sem lhe pedir licença...

Clara - (de longe) Mamãe! Com quem está conversando a estas horas? O que aconteceu!

Mimosa - Nada, minha filha. É Afonso que está aqui. (Passos que se aproximam)

Clara - Pensei que tinha havido outra vez alguma coisa.

Afonso - E houve, realmente. Eu não queria assustá-las mas... uma vez que fui infeliz e minha sogra me surpreendeu no seu quarto devo explicar tudo. Eu estava acordado quando comecei a ouvir umas passadas abafadas no corredor. Levantei-me de mansinho e fui seguindo, no escuro, a direção que os passos levavam. Eles pararam aqui diante da porta do quarto da minha sogra e eu parei um pouco atrás esperando qualquer resultado. Eles seguiram e eu avancei até à porta. Quando senti que voltavam, entrei de vagar e fiquei de guarda perto da cama dela. Parecia-me haver visto a porta abrir-se e entrar um vulto no quarto quando dona Mimosa fez luz e eu pude verificar que não havia nada.

Clara - Credo, Afonso! Isso até parece coisa de alma do outro mundo.

Mimosa - Pois eu também não sei porque motivo acendi a luz. Não ouvi nenhum ruído nem tive necessidade nenhuma de acendê-la. Parece que uma força mais forte do que a minha vontade levou a minha mão à chave e comprimiu-a.

Clara - Que horror, meu Deus!... Eu estou apavorada! Eu antes preferia saber que eram ladrões.

Mimosa - Nada disto, minha filha. Com os vivos precisamos ter muito mais cuidado. Para os mortos há uma arma poderosa. A prece.

Afonso - Então reze, minha sogra e perdõe-me o susto que lhe dei, sim? Juro-lhe que não tive intenção...

Mimosa - Ora, ora, meu filho, então eu não sei? Era preciso que não o conhecesse para acreditar que você veio a propósito assustar-me. Não pense mais nisto e vá dormir. Vá dormir que eu vou rezar o meu rosário e depois ficarei inteiramente tranquila. (Passos que se afastam) Coitado do Afonso! Ficou tão desapontado de o ter surpreendido aqui dentro. Cuida de mim como se eu fôsse a sua verdadeira mãe.

(CORTINA MUSICAL)

- Clara - Mas Mãe, será possível que ainda este não seja digno de merecer-me?
- Mimosa - Foi precisamente o que eu argumentei à pessoa que me avisou contra ele, mas infelizmente parece que as informações tem procedência porque encaregi Afonso de investigar e ele, muito a contragosto, trouxe-me as piores referências possíveis.
- Clara - Não, Mãe, decididamente eu não tenho sorte com os meus namorados. Creio que o melhor que tenho a fazer é desistir de me casar. Abandonar de vez essa ideia e resignar-me a ficar para titia.
- Mimosa - Deixa-te estar, minha filha. Ha de aparecer um digno de ti. Tu não precisas te precipitar. És tão moça ainda.
- Clara - Eu às vezes chego a desconfiar da veracidade das informações que lhe trazem. Chego a imaginar que minha irmã e meu cunhado, por qualquer motivo que ignoro, não desejam o meu casamento.
- Mimosa - Ora Clara, francamente! Que tolice a tua, minha filha. Teu cunhado é tão bom e te quer tanto! Porque razão pensas uma coisa dessas?
- Clara - Porque sei que todas as informações que lhe vieram a respeito dos meus namoros anteriores foram sempre trazidas por ele.
- Mimosa - Mas admitindo que assim tenha sido, deves pensar que a intenção dele foi a melhor do mundo. Foi procurando salvaguardar, sempre, a tua felicidade. E agora, voltando ao teu flert atual, já sabes que não deves levá-lo avante. Foste sempre uma filha muito obediente e espero poder continuar a contar com essa tua qualidade.
- Clara - Está bem, Mãe, não precisa se preocupar mais por isto. Não olharei mais para o Alexandre.

(CORTINA MUSICAL)

(ANÚNCIOS)

(Cortina outra vez)

(Batem doze badaladas espaçadas) (Passos abafados que se aproximam)

- Mimosa - (voz de mistério) Clara! Minha filha! Estás ouvindo os pa... (estertores de quem está sendo estrangulada. Quando os estertores cessam ouvem-se passos precipitados e abafados. Bate uma porta)
- Clara - (de longe) Mãe! Oh mãe! Foi a senhora que mexeu na porta? (Pausa) Mãe! A senhora está dormindo? (Passos que se aproximam. Ruído de chave da luz. Critando, desesperada) (Um grito desesperado de verdadeiro terror) Mãe!... Afonso! Augusta! Depressa. Socorro. A mãe socorro!... A mãe, meu Deus! A mãe!... (Soluços desesperados).

(CORTINA MUSICAL)

- Augusta - Parece mentira que até hoje - quasi trez mezes depois da morte de mãe - ainda não tenha se encontrado um único vestigio do malvado que a estrangulou.
- Clara - É verdade. Eu não posso me conformar com isto. É uma ideia á qual eu ainda não pude me habituar.
- Augusta - Os sinais digitais foram recolhidos no verniz da cama mas de nada adiantou porque o criminoso até hoje não apareceu.
- Clara - Ainda ontem - como sempre estou pensando nisto - veio á minha lembrança a conversa que havíamos tido uns dois mezes antes da sua morte sobre a medalha que ela manifestara desejo de levar consigo para o túmulo. Lembra-te se ficou com ela?

- Augusta - Não tenho certeza absoluta mas me parece que sim.
- Clara - Pois eu tenho a impressão contrária, justamente. Lembro-me de ter a<sup>g</sup>ado muito as equimôses que lhe causaram no pescoço as mãos assassinas que a estrangularam e não me lembro daquele coração de ouro que ela usava sempre.
- Augusta - Afinal, o que me adianta saber se ela levou ou não áqueia medalha? Eu preferia antes saber que se havia enenado o criminoso para que ~~em~~ ele pudesse ser castigado pelo seu crime. Bem, mas deixemos de parte esse assunto e cuidemos um pouco de nós. Afonso tem insistido constantemente comigo para que indague de ti se já resolveste sobre o que farás no fu<sup>t</sup>uro. Tinhas pensado em fazer uma longa viagem...
- Clara - Não sei, Augusta. Tenho pensado nisto, sim, várias vezes mas confesso-te que ainda não tive ânimo para pôr em prática nenhum dos meus projetos. O desaparecimento de mamãe deixou-me um torpor tão grande na alma que até para movimentar-me de uma peça para outra sinto-me desencorajada.
- Augusta - Ele quer que tu saibas que pelo desejo de ambos nunca te afastarás de perto de nós.
- Clara - Muito obrigada, Augusta, muito obrigada. Creio mesmo que não desejarei outra companhia senão a de vocês.

(CORTINA MUSICAL)

- Marcelo - Nem pôde imaginar a alegria que me causou a sua aquiescencia em receber a minha visita. Afianço-lhe, mesmo, que só não a anunciei antes com re<sup>u</sup>ceio de a importunar.
- Clara - Óra, Marcelo, nem pense nisto. Eu não vou a parte alguma, é verdade, mas a visita dos amigos recebo-as sempre com simpatia.
- Marcelo - Não deixei de pensar em você um só dia em todos esses trez mezes que transcorreram. Várias vezes estive com o telefone a mão para lhe falar mas depois - não sei porque - faltava-me a coragem e colocava novamen<sup>te</sup> te o fone no gancho.
- Clara - É eu aqui fazendo mau juízo de você. Pensando que você houvesse esqueci<sup>do</sup> a sua companhia de bailes, concertos e outras horas alegres.
- Marcelo - Óra, Clara, teve a coragem de fazer de mim tão mau juízo? Eu nunca seria capaz de esquecê-la. Principalmente depois do golpe que você sofreu. Creio, até, que nunca pensei tanto em você.
- Clara - Foi bom que você viesse e me discesse tudo isto, Marcelo. Eu não sei porque causava-me funda tristeza a sua indiferença aparente. Outros, como você, também não mais se manifestaram mas confesso que o afastamento deles não tinha a menor significação para mim. Lembrava-me deles vagamente sem sentir coisa alguma. Com você era diferente.
- Marcelo - Nem calcula o quanto me alegro em ouvir-lhe falar assim, Clara. E agora que sei que as minhas visitas não a importunam, virei sempre que estiver disposta a receber-me.
- Clara - Pois então venha sempre, Marcelo.

(CORTINA MUSICAL)

- Augusta - A principio acreditei no que você me disse, Clara, mas agora estou con<sup>u</sup>vencida que você está procurando tapar o sol com a peneira.
- Clara - Pois bem, admitindo que eu esteja de namoro com Marcelo o que terão você a dizer contra isto?
- Augusta - Afonso conhece-o, Clara e por conhecê-lo, justamente, está convencido que ele não será o esposo que lhe convém.

Clara - E qual o esposo que me convirá no parecer de Afonso, Augusta?

Augusta- Bem, Clara, eu não sei, mas... se Afonso se opõe a que te cases com ele alguma razão deve existir. Tu sabes que os homens conhecem-se melhor uns aos outros do que nós.

Clara - Cuve, Augusta: este é o quinto namorado que tenho que Afonso faz oposição. É possível que um ou dois não prestassem verdadeiramente, mas todos, todos eles? Bem podes compreender que não é possível.

Augusto- Bem, Clara, Afonso fez isto com a melhor das intenções. Ele não me disse que não consentiria no teu namoro. Tu és senhora da tua vontade, podes fazer o que melhor te provar. Ele apenas, como teu cunhado e muito amigo pediu-me que te avisasse a respeito de Marcelo. Se te parece que esse aviso não tem cabimento procede então como entenderes.

Clara - Está bem, Augusta. Perdôa-me se fui um pouco áspera contigo e espero que saibas compreender bem as minhas razões.

(CORFINA MUSICAL)

Afonso - E então? Conseguiu convencê-la?

Augusta-Não, Afonso. Desta vez ela não aceitou as nossas razões. Nega-se a terminar o namoro.

Afonso - Não é possível. Temos que convencê-la de qualquer forma.

Augusta- Creio que nada conseguiremos. Ela parece disposta a enfrentar qualquer luta. Falei-lhe muito tempo e ela se mostrou inflexível no seu ponto de vista.

Afonso - Temos que dar então um outro jeito de terminar com isto. Um casamento para Clara, agora, daltaria por terra todos os nossos planos. São vários milhões de cruzeiros que passarão das nossas mãos para outras.

Augusta -E qual seria o outro jeito que poderíamos dar? Não seria muito fácil.

Afonso - Nem muito difícil também. Uma vez que a ela não conseguimos convencer de desistir poderíamos tentar o mesmo pelo lado dele.

Augusta- Ótimo! Tiveste uma ideia esplendida, Afonso. Quando irás procurá-lo?

Afonso - Esta noite mesmo. Meu pai sempre dizia que eu não deixasse para amanhã o que pudesse fazer hoje.

(CORFINA MUSICAL)

Marcelo - Tenha a bondade de dar-me o seu chapão. (Pausa) Sente-se por favor.

Afonso - É muito rápida a minha visita ao senhor. Serei claro e direi tudo sem subterfúgios.

Marcelo - Perfeitamente.

Afonso - O senhor, naturalmente, va ir se surpreender com o que lhe vou dizer...

Marcelo - O senhor acabou de me dizer que falaria sem subterfúgios...

Afonso - Sim, tem razão. É o seguinte, meu amigo: nós lá em casa, naturalmente, já compreendemos que o senhor dispensa uma atenção especial à Clara...

Marcelo - Efetivamente, senhor Afonso. Posso mesmo lhe dizer que já não nos consideramos mais como simples namorados.

Afonso - E é justamente por esse motivo que venho falar-lhe. Não desejo que aconteça ao senhor o que me aconteceu. É claro que não me casei pela fortuna que minha mulher possuía mas compreendo que é muito desagradável contar-se com alguma coisa que em realidade não existe.



Marcelo - Não estou compreendendo, senhor Afonso. Quer tornar mais lúcida a sua intenção?

Afonso - Pois não. Em resumo é o seguinte: eu deajo avisá-lo que a fortuna que dona Mimosa deixou às filhas é um mito. Não existe. Ou por outra: ela existe mas existem dívidas que montam a uma soma muito superior.

Marcelo - Perdão, senhor Afonso mas eu não cogitei absolutamente dessa particularidade...

Afonso - Óra, óra, bem sei, meu amigo, bem sei. Nem eu tive em mira a intenção de ofendê-lo. Apenas quis avisá-lo da verdadeira situação em que nos encontramos e isto - creia - com a melhor intenção do mundo. Eu bem posso avaliar quão profunda seria a decepção de um homem que pensasse trazer para casa - com a sua esposa - um fundo de reserva e no fim verificar que havia arrastado para si a responsabilidade das dívidas que ela em solteira havia contraído. Seria uma deslealdade muito grande deixar de avisá-lo. Agora... se independente deste meu aviso o senhor insistir em desposá-la a única coisa que lhe peço é que acredite na sinceridade da minha intenção e esteja certo de que o receberemos com os nossos braços abertos.

Marcelo - Agradeço-lhe a intenção e pôde estar certíssimo de que a revelação que acabou de me fazer em nada alterou o meu sentimento por Clara. Amo-a sinceramente e penso fazer dela a minha esposa.

Afonso - Muito bem, muito bem. Como já lhe disse a repito, nós o receberemos de braços abertos. Espero agora, do seu cavalheirismo - em troca da lealdade de que lhe demonstrei - que nada revele à minha cunhada sobre este nosso assunto.

Marcelo - Pôde estar descansado, senhor Afonso. Eu saberei ser discreto.

(CORTINA MUSICAL)

Augusta - Não quero. Nessa solução não contes com o meu apoio.

~~Augusta~~  
Afonso - Não vejo outra saída, Augusta. A não ser que nos resignemos a entregar-lhe tudo aquilo que já contávamos como nosso.

Augusta - Esperemos com paciência. Clara já me disse que não se casará antes de haver transcorrido um ano da morte de mãe. Temos, portanto, seis meses na nossa frente para agir, antes que seja necessário lançarmos mão de recursos extremos.

Afonso - E depois? Se ao fim desses seis meses não tivermos o nseguido nada?

Augusta - Bem, em último caso então...

Afonso - Em último caso?

Augusta - Faremoso que desejas.

(CORTINA MUSICAL)

Salete - Nem imaginas o que me traz aqui.

Clara - Como posso adivinhar?

Salete - O Dr. Amaral foi à minha casa pedir que organizasse a festa de Natal dos presidiários. Eu não queria aceitar a incumbencia por coisa alguma deste mundo mas ele tanto rogou, tanto pediu, tanto implorou que eu atabei cedendo.

Clara - Fizeste bem. Eles coitados devem ter uma vida muito insípida.

Salete - Mas o melhor tu não sabes. Eu disse a ele que aceitaria só no caso em que tu concordasses de me ajudar.

- Clara - Lôgo eu, Salête? Mas tu sabes que eu estou de luto, como pudeste ter se melhante ideia?
- Salête - Ôra, minha querida, sei que estás de luto, sim, mas afinal trata-se de uma festa de caridade que mal tem? Quem poderá reparar que tu me ajudes?
- Clara - Não, Salete, perdôa-me mas eu ainda não me sinto com ânimo para me apresentar em público e justamente como organizadora de uma festa.
- Salête - Ouve, Clara: tu não precisarás te apresentar em público coisa nenhuma. Eu quero apenas que tu vas lá comigo para trabalhar. Organizar o serviço de bife, organizar a hora de arte, a distribuição de doces e cigarros para os detentos, enfim, essas coisas que tu sempre fizeste com tanta habilidade nas festas que organizaste.
- Clara - Mesmo assim eu não desejava. Tu não terás uma outra pessoa que te auxilia?
- Salête - Teria muitas, até, se quizesse, mas o que é verdade é que nenhuma seria capaz de fazer como tu.
- Clara - Qual, é impressão tua. Qualquer pessoa, com boa vontade, faria o que eu faço.
- Salête - Isso é o que tu pensas. Não é assim, não Clara. Para essas coisas, como para tudo na vida, é necessário que se tenha bôssa. E como tu a tens eu ainda não vi.
- Clara - Eu sinto muito, Salete, mas vou ser obrigada a dizer-te que não.
- Salête - Ôra que penal! Tanto o doutor Amaral me falou na desdita daquela gente que eu acabei me convencendo que fazendo essa festa faria um grande ato de caridade.
- Clara - Mas sem dúvida, Salete. É isto mesmo. É um grande ato de caridade, sim.
- Salête - Pois é, mas/ eu sósinha não me sinto com coragem para praticá-lo.
- Clara - Mas tu pôdes arranjar uma outra que te auxilie. A Caminha, a Nayda, a Yára... qualquer uma delas estará pronta.
- Salête - Não quero. Ou farei a festa contigo ou então não farei, já disse.
- Clara - Deste jeito tu me colocas num dilema terrível.
- Salête - É o doutor Amaral j'a declarou que a não ser que eu queira me encarregar dessa festa que ele a outra não pedirá que então os detentos ficarão, este ano, sem a sua festa de Natal.
- Clara - Ah não. Isto não pôde ser.
- Salete - Pois bem, está tudo em tuas mãos. Resolve.
- Clara - Sendo assim que mais poderei fazer senão concordar?

(CORTINA MUSICAL)

(Barulhada de muitas vozes fazendo fundo ao diálogo)

- Salête - Muito cansada, querida?
- Clara - Um pouquinho, sim. Também eu já estava completamente deshabituada de trabalhar.
- Salête - Eu só não me arrependo de te ter obrigado a fazer isto porque ao menos te arranquei do ostracismo em que vivias. Eu ficava apavorada. Não podia me conformar com aquilo. Serviste muitos refrescos?
- Clara - Meu Deus, uma infinidade deles.

- Salete - Agora tem paciência mais um pouquinho que dentro de meia hora eu penso que já estaremos em casa. Vou anunciar justamente o último número da hora de arte.
- Clara - Então vai. Vêi que eu estou louca para me ver em casa. Já me deshabituei do movimento e da algazarra.
- Salete - Sim, eu vou em seguida. (Passos que se afastam. Falando a uma certa distância, como quem fala para muita gente) Suçam meus amigos: Vamos ouvir o último número da hora de arte que é um presente de Suzana Rios para vocês. Tenna a bondade, Suzana. (palmas, muitas palmas)
- SUZANA - Anuncia o número e canta. (Ao terminar é muitíssimo aplaudida por todos)
- Salete - Bem, a nossa missão está linda. Pêga o que é teu e vamos embôra.
- 147 - Faça o favor, minha senhora, o diretor do presídio quer falar com a senhora.
- Salete - Comigo?
- 147 - É, sim senhora. Ele está lá no escritório. O duzentos acompanha a senhora. Leva essa senhora lá no escritório que o Dr. Amaral quer falar com ela.
- Salete - Um momentinho, sim Clara? Su volto já. (Passos que se afastam)
- 147 - (após uma pausa) A senhora me dá licença que eu lhe faça um pedido?
- Clara - Pois não. Se eu puder atendê-lo...
- 147 - Ah... eu precisava muito falar com a senhora. A senhora querará voltar aqui depois de amanhã na hora da visita?
- Clara - Não sei, eu... eu saio tão pouco... posso mesmo dizer que é esta a primeira vez, desde que perdi minha mãe.
- 147 - Tenna paciência. Faça um pequeno esforço e venha.
- Clara - E porque não me fala agora o que quer?
- 147 - Porque não ha tempo e o que eu tenho a lhe dizer não pôde ser assim no meio de tanta gente. Quer voltar depois de amanhã?
- Clara - Não pôsso lhe prometer que sim, em todo o caso... se fôr possível eu voltarei.
- 147 - Faça empenho, então. Eu sou o cento e quarenta e sete.

(CORTINA MUSICAL)

(Ruído de automovel fazendo fundo para toda a cena)

- Salete - Está bôa! Está ótima!... Vai ver que despertaste uma paixão no pobre presidiário.
- Clara - Que ideia a tua, Salete!
- Salete - Claro! Que mais é que se pôde pensar?
- Clara - Talvez ele queira fazer-me algum pedido.
- Salete - E tu virás ou não?
- Clara - Não sei, depende. Tenho receio de vir mas ao mesmo tempo tenho pena de não vir.
- Salete - É claro. Eu acho que tu deves vir de qualquer forma.

Clara - É o Diretor o que queria contigo?

Salête - Nada. Agradecer o trabalho que nós tínhamos tido... Pediu que te transmitisse os seus agradecimentos... queria mesmo chamar-te para oferecer qualquer coisa mas eu disse que tu estavas muito indisposta e aflita para voltar à casa...

Clara - Fizeste muito bem.

Salête - (falando alto) Chauffeur! Não parar naquele portão de ferro verde, logo no início da segunda quadra, à esquerda. Estás em casa. Nem sei como te agradecer, Clara. (Cessa o ruído do automóvel)

Clara - Óra, Salête, que tolice. Agradecer o que?

Salête - tudo o que fizeste, óra esta.

Clara - O que fiz não foi por ti. Não sejas convencida.

Salête - (rindo) Um pouquinho eu sei que foi. Adeus. (beijo. Despedidas) Agora, para o Parque Polonez, sim chauffeur? (Automóvel arrancando e saindo.) (O ruído vai se distanciando até que é abafado pela

(CORTINA MUSICAL)

(ANUNCIOS)

(CORTINA MUSICAL OUTRA VEZ)

147 - Eu estava com receio que a senhora não viesse.

Clara - E quase não vim, mesmo. Depois... um pouco de pena pela decepção que lhe causaria, um pouco de curiosidade também...

147 - Pois fez muito bem em ter vindo. É de grande interesse para a senhora o que lhe vou dizer. A senhora não me conhece mas eu sou muito bom missionário mista e não me esqueço onde a vi uma única vez.

Clara - O senhor está despertando enormemente a minha curiosidade.

147 - Não é verdade que a senhora mora numa casa verde, em meio de um jardim, na Rua Trieste?

Clara - Sim, efetivamente.

147 - Pois eu estive em sua casa uma vez. fui procurar seu cunhado e foi a senhora quem me abriu a porta.

Clara - Juro-lhe que não me lembro.

147 - Pois eu seria capaz de reproduzir-lhe até os detalhes do Gabinete para onde a senhora me mandou entrar. (Pausa) Conhece esta medalha?

Clara - Esta medalha!... Esta medalha!... será possível, meu Deus?!... Terá sido o senhor?!...

147 - Acalme-se. Não fui eu, não. Vou lhe contar tudo. Um dia... - era um dia de sol e eu estava no quintal da nossa casa fazendo uma gaiola de taquarinas. Papai me chamou e me disse assim:

(frase musical rápida)

Ambrósio - Eu vou receber daqui a pouco uma visita que vem tratar comigo um assunto muito importante. Já avisei à sua irmã que não desejo ser interrompido e você também fique por aqui.

147 - Tá bem, pai.

Ambrósio - É um assunto muito importante e a pessoa de grande cirimônia. Não vá fazer como é seu costume, apresentar-se lá em meio do assunto.

147 - Não, pai, não tem perigo. Eu fico aqui.

(Fráse musical, rápida)

147 - As recomendações de meu pai foram suficientes para despertar a minha curiosidade de rapaz. Guidei a chegada da tal pessoa importante e coloquei-me a seguir atrás da porta do quarto a fim de escutar toda a conversa. Lembro-me perfeitamente do diálogo que trocaram meu pai e o homem que o procurou.

(Fráse musical rápida)

Afonso - Venho educá-lo, meu amigo, para fazer-lhe uma ótima proposta.

Ambrósio - Perfeitamente. Si eu puder servi-lo estou aqui para isto.

Afonso - Trago-lhe um serviço que lhe vai render uma soma bem apreciável.

Ambrósio - Será uma graça que o céu me concede. Estou desempregado há quasi dois meses.

Afonso - A coisa é simples. Minha sógra precisa desaparecer para que eu entre o quanto antes na parte que me caberá na sua fortuna. Está compreendendo o que é que eu quero?

Ambrósio - Sim, estou, mas... eu nunca me dediquei a esse genero de trabalho... tenho receio...

Afonso - Receio de que? O que pôde recear? Eu prepararei o ambiente de forma que o meu amigo não corra o menor risco.

Ambrósio - Porque se lembrou justamente de mim? Eu não tenho nenhuma prática dessas coisas.

Afonso - Quem me falou no senhor e me deu o seu endereço foi o capataz lá da Estancia da Veiba. O senhor deve conhecer. O Clemencio.

Ambrósio - Já vê, meu amigo, que é uma coisa arriscada. Já ha um terceiro envolvido.

Afonso - Não, não, não precisa ter receio. Eu não disse a ele do que se tratava. Disse apenas que necessitava de uma pessoa de inteira confiança para realizar um trabalho difficil e ele lembrou-me o seu nome.

Ambrósio - O senhor vai me desculpar mas eu confesso que não me sinto com coragem para isto.

Afonso - Que tolice! O senhor mesmo acabou de me dizer que ha mais de dois meses está desempregado. Venho propor-lhe um ótimo negócio onde o senhor pôde ganhar de cem a cento e cincoenta mil cruzeiros e o senhor recusa? Olhe que já é ser tolo.

Ambrósio - Cento e cincoenta mil cruzeiros disse o senhor?

Afonso - Sim. Veja que é uma soma respeitável. O senhor poderá comprar a sua casa, educar os seus filhos, poderá trajar bem, comer bem. Tudo isto com um golpe simplissimo!... E então. Não resolve?

Ambrósio - Vamos ver. Pôde ser que eu me arrisque. Deixe-me pensar esta noite e volte aqui amanhã.

(Fráse musical rápida)

Clara - Que horror, meu Deus!... Tenho a impressão de que o mundo todo desaba aos meus pés.

147 - No dia seguinte ele voltou à nossa casa e acabou de convencer meu pai de aceitar a sua proposta. Contou-lhe que já por duas vezes fizera ele mesmo a tentativa de executar o seu plano mas que em ambas havia fracassado.

Clara - Sim, é isto mesmo. Foram duas tentativas, realmente.

147 - Concertaram o plano todo e na noite designada meu pai saiu para lá. Eu saí atrás dele, sempre ele soubesse, esgueirando-se sempre pelas sombras. Ele entrou no palacete e eu fiquei parado na esquina. Quasi duas horas passaram quando vejo meu pai sair a correr e dirigir-se para a esquina onde havia um automóvel parado.

.....

Ambrósio - (após uma pausa) (Afobado) Depressa, chauffeur, vamos. Chispa que eu preciso afastar-me daqui o quanto antes. (Ruído de automóvel arrancando e disparando em seguida) Vamos, depressa. O mais depressa possível!... Corra! Corra para longe. É indiferente o destino, contanto que eu me afaste daqui. (pausa. Ouve-se só a disparada do automóvel) Mais! Corra, mais, vamos homem! Cuidado! Olhe essa curva. Olhe a mulher no caninho! (Ruído de derrapada. Um grito agudo de mulher e trambulhão do automóvel)

(Frás musical, rápida)

147 - Ao dia seguinte, pela manhã, recebia eu o chamado de meu pai no Hospital onde ele se encontrava.

(Frás musical rápida)

Ambrósio - (falando com dificuldade e voz muito fraca) Aproxima-te mais,... meu filho. Não posso... falar... muito alto...

147 - Não é preciso, pae. Estou ouvindo bem.

Ambrósio - Ouve, meu filho... teu pai... cometeu um crime... e recebeu o castigo... alguns minutos depois. Sei que vou morrer... e queria entregar-te esta medalha... que veio presa... na manga do meu casaco... a corrente enredada... nos botões. Essa medalha... e da pessoa que eu matei... Vou te explicar... onde fica a casa...

147 - Não é preciso, pai. Eu sei onde é. Fui atrás do senhor.

Ambrósio - Pois bem... se sabes, então... vai lá e procura... o seu Afonso... o genro da senhora que eu matei... diz à ele que sabes de tudo... e que vais...receber o premio para ti... e tua irmã. Esta medalha... guarda-a contigo e só a devolve si ele te pagar o prêmio... do contrário vende-a que esse brilhante... tem um grande valor.

(Frás musical rápida)

147 - momentos depois de me ter entregue a medalha, meu pai entregava também a alma ao Creador. Cheguei em casa, contei tudo à minha irmã e na hora de ir procurar o seu cunhado minha irmã entendeu de apressar-se da medalha. Travou-se luta entre nós e num emburrão que lhe dei fui de tal in felicidade que ela bateu com a cabeça num degrau de lage que haviam perto da cozinha e ~~sax~~ morreu quasi instantaneamente com uma fratura no crânio. Não pude mais procurar seu cunhado e trouxe a medalha comigo. Tinha esperança de encontrá-lo ainda, quando um dia saíse da prisão. Uma ocasião, mexendo nela, não sei que jeito dei que ela se abriu e dentro havia este bilhete.

Clara - 13 de Abril de 1932. Interessante... esta é a letra da manilha... É uma das coisas que fizem no seu diário.

147 - Leia. Veja o que diz.

Clara - ( lendo) Querido diário. Esta tua página será talvez a única página negra da minha vida e só tu ficarás sabedor da infâmia que praticou. Foi um momento de loucura, desses que nos deixam consequências terríveis...

147 - O que é isso? Não vai continuar a leitura? Não faça isso. Leia, leia até o fim.

Clara - ( lendo ) Foi um momento de loucura, desses que nos deixam consequências terríveis que somos obrigadas a arrastar, depois, pelo resto das nossas vidas. Cedendo ao impulso do meu coração cedi também aos rōgos do futuro, do primeiro, seis meses depois do meu casamento com Edmilro. Hoje sinto que a loucura daquele instante deixou em mim um estigma que sō a morte apagará. Vou ser mãe e meu filho nō é filho de Edmilro. Devo confessar a verdade? Devo ocultar o meu segredo? Nō sei. Talvez o remorso me obrigue a falar um dia. ( Pausa ) Vou ser mãe e meu filho nō é filho de Edmilro. ( Pausa ) Nō foi filho, foi filha. Quer dizer que Augusta entō estā bem. Deixe comigo esta mediana e este bilhete. Dar-lhe-ei depois alguma coisa em troca.

( CORTINA MUSICAL )

Marcelo - Compreendo agora o motivo porque me procurou para falar sobre as supostas dōvidas da famīlia.

Clara - E eu compreendo agora porque todos os meus namorados tinham tantos e tantos defeitos.

Marcelo - Era a ambição, somente que os levava a procederem assim. Nō queriam prestar contas ao seu marido da parte que lhe pertencia.

Clara - Pensavam, possivelmente, fazer comigo, mais tarde, o que fizeram com a pobre Maria.

Marcelo - E agora? O que pensa vocē fazer depois de tudo isto?

Clara - Nō sei, Marcelo. Eu estou completamente aturdida. Completamente tonta e desorientada.

Marcelo - Se permitisse uma sugestão...

Clara - Fale. Bem vō que nō consigo raciocinar por mim. Preciso que me ajudem, justamente.

Marcelo - Pois bem, a minha opiniō ē que vocē deve entregar a questō a um advogado qualquer e exigir um castigo para os criminosos. Vocē nō pode silenciar porque o silencio seria cumplicidade a um crime tō repugnante.

Clara - Sim, vocē tem razō. Nō posso silenciar, nō. Diz muito bem. Eles devem receber o castigo que merecem. Devem colher os frutos das sementes malditas que lançaram ā terra.

Marcelo - Se vocē quiser poderemos procurar um amigo meu que ē advogado e pessoa da minha inteira confiança. Hoje serā difīcil que o encontremos ainda no escritōrio mas amanhã de manhā poderemos ir lā procurā-lo.

Clara - Estā bem, Marcelo. Nos encontraremos amanhã, entō.

Marcelo - Atē lā, porem, vocē nō poderā demonstrar absolutamente nada ā sua irmā e seu cunhado.

Clara - Nō sei. Nō sei se terei forças para fingir.

Marcelo - ē necessārio, lembre-se disto. Do contrārio botarā tudo a perder.

Clara - Por minha vontade eu nem mais os veria, Marcelo. Tenho medo de nō poder conter a minha indignaçō e a minha revolta e chamā-los de assassinos mal os aviste.

Marcelo - Pois bem, façamos uma coisa entō: vocē nō voltarā mais para casa. Eu a levarei daqui para a companhia de tia Brenina e vocē ficarā lā com ela atē que nos casemos. Estā de acōrdo com a minha sugestō?

Clara - Aceito-a, sim, Marcelo. Nem eu poderia dormir mais uma só noite naquela casa, depois de tudo o que sei.

(CORTINA MUSICAL)

Marcelo - Oh Clara, até que enfim! Eu estava exilíssimo. Nunca uma hora custou tanto a passar para mim. Por várias vezes arrependi-me de não ter estado ao teu lado no tribunal.

Clara - Também eu senti imensamente <sup>a falta de</sup> apoio da tua presença. Ainda uns momentos antes da interelação pedi ao advogado que consentisse em que eu te abraçasse mas ele persistiu na ideia de que seria melhor deixar-te de parte.

Marcelo - Eu estive às duas e às três para deixar de lado as conveniências e posar-me perto de ti. Estás trêmula e tens as mãos geladas, querida.

Clara - Se soubesses o que me custou acusá-lo!... Havia momentos em que só a lembrança de mamãe exauriada dava-me forças para proseguir.

Marcelo - E afinal qual foi a sentença xixxi do juiz?

Clara - A única que poderia caber num crime tão hediondo. Culpa máxima. Castigo máximo.

Marcelo - Eu esperava isto mesmo. Vamos para casa? Eu chamarei um automovel.

Clara - Não, Marcelo. Quero andar um pouco. Preciso de muito ar porque tenho a impressão de que sufoco. Deixa que me apoie bem ao teu braço. Sinto um bem tão grande com a força que me vem de ti!...

Marcelo - E eu sinto uma alegria tão grande com a confiança que te inspirei!... O pior do pesadelo já passou, minha querida. De amanhã em diante começamos a tratar do nosso casamento para realizá-lo o mais breve possível.

Clara - E depois?

Marcelo - Depois iremos viajar, ver novas terras, novas caras e respirar novos ares.

Clara - Sim, isto mesmo, Marcelo. Novas terras e novos ares. Quero ir para longe. Bem longe! Quero esquecer!...

Marcelo - Has de esquecer, sim. O tempo não deixará de desempenhar a sua tarefa revigorante no espirito daquelas que nele confiam. Tens as mãos tão frias! Porque não botas as luvas? Porque tens essa mão assim fechada?

Clara - É a medalha de Mamãe, Marcelo. A que ela desejava levar consigo para o túmulo porque encerrava o segredo do pecado da sua vida.

Marcelo - Mas Deus, na sua infinita sabedoria, fez com que ela ficasse preza à manga do assassino que lhe roubou a vida para que nós pudessemos ver um dia, no seu reverso, o reverso de duas almas perversas!...

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIXANDO DEPOIS PARA FALAR O SPEAKER)

SPEAKER - Acabaram de ouvir "O REVERSO DA MEDALHA" mais um trabalho da autoria de Roberto Lis para o Grande Teatro Difusora que é uma oferta exclusiva dos Chuveiros Elétricos Amaral.

(ENTRA AQUI A PROPAGANDA DOS CHUVEIROS ELÉTRICOS AMARAL)

Foi a seguinte a distribuição de "O REVERSO DA MEDALHA": (repete e distribuição).

Ouçam no próximo domingo, às mesmas horas de hoje... *Castigo!* mais um trabalho de Roberto Lis para os Chuveiros Elétricos Amaral.

(CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO PROGRAMA)



... e a creatura extraordinária, Aluizio. Sem me deixar  
depositava em você. (Pausa) Bem, Aluizio, tenho um compr  
... e deixá-lo. Eu voltarei mais tarde para conversar com

Aluizio - Um momento, seu Novais. (Pausa) E Suzana?

Novais - (Pausa) Casou-se, Aluizio.

Aluizio - Era o meu último refúgio. A minha última esperança! (Pausa) Obrigado, seu Novais. Tô indo. (Passa que se afastam lentamente) E como se tudo fosse pouco, até ela me fugiu!... Está é o meu mundo!... Esta é a minha família! A que eu quis cuidar... amparar... cultivar... reconstruir!... A que foi motivo de todos os meus sonhos, de todos os meus sacrifícios, de todas as minhas dôres!... Foi por ela que os meus cabelos embranqueceram. Que as minhas faces se juntaram de rugas. Que as minhas energias se desgastaram!... E até Totônio, em quem eu depositava a confiança de substituir-me um dia, desaparece como um ladrão vulgar, premiando o meu esforço com a ingratidão e a vergonha!... Oh meu Deus, meu Deus que dor a minha!... Estou chorando, vê? Talvez seja fraqueza, sim, mas é que as lágrimas são as únicas coisas com que posso cobrir-me de todo o mal que me fizeram!... (Desata em soluços)

Controle: — (CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIXANDO DEPOIS AOS POUCOS)

SPEAKER: Ouviram **Sacrifício Inútil**, mais um trabalho de Roberto Lis para o Grande Teatro Difusora, ~~na noite de sábado das Chuvetas Históricas~~

~~no dia~~ <sup>Sábado,</sup> ~~no próximo~~ <sup>no próximo</sup> ~~sábado,~~ <sup>às mesmas horas de hoje,</sup> ~~no~~ ~~dia~~

~~na noite de sábado das Chuvetas Históricas~~ <sup>mas um espetáculo do Grande Teatro que obedecerá à</sup>  
~~direção de Roberto Lis.~~

Controle: — (CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA BINAL DO PROGRAMA)

*João*